

## CRISE DE IDENTIDADE EM *REUNIÃO DE FAMÍLIA*, DE LYA LUFT: O DESNUDAMENTO TRAUMÁTICO DE DUAS PERSONAGENS FEMININAS

Erica Dayana Monteiro Cavalcante (Autora)<sup>1</sup>

Paula Frassinetti Gonçalves Leandro Santos (Coautora)<sup>2</sup>

Kilma Barbosa De Araújo (Coautora)<sup>3</sup>

Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz (Orientadora)

### 4INTRODUÇÃO

O livro *Reunião de família* (1991), da escritora gaúcha Lya Luft, parte de um enredo aparentemente simples, que trata de questões cotidianas. É narrado em primeira pessoa por Alice, uma dona de casa que resolve passar um final de semana na casa do pai para se reunir com a família, a pedido de Aretusa, sua cunhada, porém, este encontro familiar, ao invés de manter caráter harmônico, torna-se um verdadeiro balanço de cunho memorialístico, cujo objetivo passa a ser o de desnudamento, naquele ambiente, das personagens Alice e Aretusa, que serão submetidas ao julgamento de suas experiências e modos comportamentais em família e em sociedade, no passado e no presente.

A partir deste enredo, o artigo objetiva refletir sobre o descentramento do sujeito, por meio do estudo da crise de identidade pessoal (e social) das personagens mencionadas, centrado no traumático desafivelamento sucessivo, ao longo da narrativa, das máscaras que socialmente e entre os familiares protegem estas mulheres como um escudo contra o julgamento exterior. A narrativa se inicia com a reunião da família durante um final de semana. No encontro, a participação das figuras femininas é preponderante, o que sugere a sua dominância no contexto familiar.

Ao longo do encontro, as pesadas discussões travadas revelam gradativamente a verdadeira identidade de cada uma delas, por meio de lembranças que vêm à tona, num crescendo que culmina nas cenas finais da narrativa, quando o opaco e o obscuro tornam-se inescapavelmente evidentes. A reunião assume a feição de um “jogo da verdade”; mais que isso, de uma arena, momento de enfrentamento vital e encarniçado no qual o discurso impiedoso transforma em tiras a frágil película das autoimagens artificialmente construídas.

O jogo que se instaura também pode ser o dos espelhos, quando cada uma daquelas mulheres enxerga-se no que enxerga na outra, contemplando, a contragosto, a própria imagem desvelada na imagem refletida até então negada, visualizada agora com nitidez e sem sombras diante dos olhos que antes eram cegos para as situações e aspectos outrora imperceptíveis.

No romance, tal procedimento segue caminho de mão dupla: no plano da autoria, apresenta uma visão distópica e particular do universo familiar tradicional, despido das aparências do jogo social e exposto como laboratório, escola e oficina de dores muito humanas; no plano da narrativa, opõe frontalmente as personagens, obrigando-as a enfrentarem-se a si mesmas e uma à outra, na necessidade inadiável de se autoconhecerem e seguirem em frente como puderem, a partir do conhecimento adquirido.

---

<sup>1</sup> Graduada do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [dayanamonteirocavalcante@bol.com.br](mailto:dayanamonteirocavalcante@bol.com.br);

<sup>2</sup> Graduada pelo Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [paulahairsister1@hotmail.com](mailto:paulahairsister1@hotmail.com);

<sup>3</sup> Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – PB, [kilma\\_barbosa@hotmail.com](mailto:kilma_barbosa@hotmail.com)

<sup>4</sup> Professor orientador: Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz, Universidade Estadual da Paraíba - PB, [rosangelamsdequeiroz@gmail.com](mailto:rosangelamsdequeiroz@gmail.com).

## METODOLOGIA

Considerando o atual momento histórico, em que a humanidade, como as personagens desta narrativa, se defronta com intermináveis processos de construção, desconstrução e reconstrução – conjunto de pequenos e grandes apocalipses ao qual alguns setores da controvérsia acadêmica denominam de pós-modernidade –, pode-se evocar, ironicamente, o conceito marxista e quase profético de modernidade, comentado por Berman: “ser moderno é fazer parte de um universo no qual [...] ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’” (BERMAN, 2007, p.24).

Não à toa, este pensamento nos faz refletir sobre a crise de identidade vivenciada por Alice e Aretusa. A vida em família e em sociedade gera em homens e mulheres conflitos existenciais que opõem às relações de estabilidade valorizadas pela família tradicional (masculino x feminino; indivíduo x família; indivíduo x casamento; indivíduo x moral/ética/religião), outras de provisoriedade, envolvendo os mesmos aspectos. Isto os (as) defronta com as mais díspares sensações de ‘des-união’.

Aqui apoiamo-nos nas ideias que Hall (2004) apresenta em *Quem precisa da identidade?*, que subsidia este trabalho em posicionamentos pontuais fundamentais acerca da construção, desconstrução e conseqüente crise de identidade que caracteriza os processos psicológicos que, no caso das personagens em questão, são de natureza traumática, derivada da subjetividade identitária. Identicamente, também pudemos adentrar os estudos da modernidade pelos pressupostos teóricos de Zygmunt Bauman (2011), o qual põe em evidência a ideia de liquidez que move a sociedade moderna, em transição entre as certezas e posições consideradas sólidas até a metade do século XX para a fluidez de uma transitoriedade ainda desnorteante. Tal mudança de ‘estado’ pode ser entendida como gradual conseqüência da quebra dos moldes em que a sociedade se constituía, verificada sobretudo a partir do pós-guerra e dos anos 60, com a contracultura.

Utilizamo-nos ainda da noção de ethos que está referenciada em Hall como “processos inconscientes de formação da subjetividade”, e em Maingueneau (2006 e 2008) como sugestão, materializada nas marcas textuais, que funcionam como demonstrativas de determinada posição adotada pelo sujeito enunciativo acerca do que escreve. No romance, tal procedimento segue caminho de mão dupla: no plano da autoria, apresenta uma visão distópica e particular do universo familiar tradicional, despido das aparências do jogo social e exposto como laboratório, escola e oficina de dores muito humanas; no plano da narrativa, opõe frontalmente as personagens, obrigando-as a enfrentarem-se a si mesmas e uma à outra, na necessidade inadiável de se autoconhecerem e seguirem em frente como puderem, a partir do conhecimento adquirido. No discurso, o ethos demarca os limites de uma identidade do sujeito, através do que diz, em relação a si mesmo, ao mundo e ao outro.

Desta forma, de Maingueneau (2006), destacamos algumas observações acerca do discurso literário como constituição do ethos, no sentido de que este conceito “está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não podemos ignorar que o público constrói também representações do ethos do enunciativo antes mesmo de ele começar a falar” (MAINGUENEAU, 2006, p. 269).

Esta citação de Maingueneau (2006) resume em poucas linhas o foco maior deste trabalho, que se detém sobre a caracterização, a visão do outro sobre o “eu”, movimento percebido no romance e no comportamento das personagens pela utilização do jogo de espelhos e da apresentação externa de cada uma delas, imagem que, ao final da narrativa, é desconstruída, invertida, assim como acontece quando alguém nos olha, externamente, a partir de um ângulo que não conseguimos ver ou aceitar.

## DESENVOLVIMENTO

Segundo Berman (2007), a sociedade em que vivemos vem passando por grandes mudanças de hábito, principalmente no que diz respeito aos hábitos sociais em relação aos laços de afetividade, forjados em função dos padrões e do imaginário da modernidade. Para o autor, a modernidade é idiossincrásica: “[...] é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia.” (BERMAN, 2007, p.24).

A problematização das relações sociais e familiares passa a ser cada vez mais discutida, configurando-se como item fundamental do/no processo de modernidade. Este processo configura-se, para Berman, como um ambiente ameaçador, fruto das experiências partilhadas e compartilhadas por pessoas de todas as classes, raças, entre outras conjugações, mas que não se excluem, nem fogem dessa experiência de integração desintegrada, representada pela modernidade – movimento que adentrou a casa, a vida e a família, permitindo que sua conformação seja modificada, oferecendo ao indivíduo a opção de escolher a forma como quer viver tais experiências, sem, no entanto, poder evita-las.

A “reunião de família”, expressão que dá título à obra, sugere o conceito tradicional de família, entretanto, no decorrer da narrativa, percebemos a configuração do modelo contemporâneo, em que as relações são muito fluídas e líquidas, assumindo os seus integrantes um papel de progressivo desligamento dos laços familiares mais antigos, de origem, em função de outras realidades familiares mais recentes que integram.

Pode-se afirmar que em Reunião de família, ao observar o comportamento das personagens femininas em análise, nota-se a existência de um verdadeiro campo de batalha onde não há vencedores(as); presentifica-se como resultado da busca (desesperada) por satisfação da parte das personagens, “sempre à deriva e à procura de pequenas e perversas realizações do desejo”. (SHOLLHAMMER, 2009, p. 32), já que todos, ao longo da narrativa, expõem o seu lado obscuro, antes desconhecido e que é contraditório ao ethos por eles afirmado, em razão das atitudes e falas discursivas não condizentes com a subjetividade transvazada por suas afirmações, resultando assim no uso das máscaras, recursos por meio do qual, homens e mulheres se camuflam para poder se integrar a determinados ambientes, com o objetivo de serem aceitos (ou não) a partir de um status quo pré-definido pela sociedade da época na qual se vive. Citando Auchlin (2001), Maingueneau (2008) resume uma doxa do ethos:

A noção de *ethos* é uma noção com interesse essencialmente prático, e não um conceito teórico claro (...) em nossa prática ordinária da fala, o *ethos* responde a questões empíricas efetivas que têm como particularidade serem mais ou menos co- extensivas ao nosso próprio ser, relativas a uma zona íntima e pouco explorada de nossa relação com a linguagem, onde nossa identificação é tal que se acionam estratégias de proteção (AUCHLIN, 2001, p.93, citado por MAINGUENEAU, 2008, p.12).

Consequentemente, é fácil perceber que as atitudes subjetivas das personagens femininas, que se apresentam por meio de uma identidade multifacetada, não condizem com o seu interior, através do discurso impresso e expresso, fazendo-nos compreender a complexidade da subjetividade discursiva, de modo que para compreendê-lo é preciso perceber que:

Esse *ethos* recobre não só a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas [...]. Assim, atribui-se a ele um “caráter” e uma “corporalidade”, cujos graus de precisão variam segundo os textos. O caráter corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela está associada a uma compleição física e a uma maneira de vestir-se. Mais além, o ethos implica uma maneira de se mover no espaço social uma disciplina tácita do corpo apreendida através de um comportamento (MAINGUENEAU, 2008, p.18).

Tal afirmação nos faz perceber características do comportamento dos indivíduos na obra de Lya Luft, que pode ser observado desde o ambiente familiar não apenas com exterior de cada indivíduo, mas também incluindo o comportamento nas práticas desenvolvidas no contexto social, nas mais diversas instâncias. Ademais, não somente em família, como em sociedade, somos direcionados a “conferir” as marcas introspectivas do discurso dos indivíduos, resultantes das incertezas, angústias, medos, traumas, entre outros problemas de ordem moral e psicológica. Buscamos não apenas uma correspondência entre atos e palavras, mas balizas norteadoras para aquilo que se esconde em suas entrelinhas e pode mascarar certas atitudes. Aretusa e Alice, assim como todos os que integram a reunião de família, conhecem bem este jogo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início deste estudo, abordamos de modo sucinto a importância do afeto no ambiente familiar, considerando-o fundamental para tornar os indivíduos cada vez mais lúcidos e psicologicamente centrados ao longo da própria história. Em sentido contrário, a falta de estabilidade e de referências identitárias para aquele que vive em meio a constantes e inexplicadas modificações radicais e instantâneas, vivendo ‘de passagem’ o ligamento e desligamento de laços afetivos que refletem profundamente na relação subjetiva entre o eu e o outro (casas, cidades, parentes, amigos que chegam e partem bruscamente), coloca o sujeito solto num ambiente fugidivo, volátil, do qual muito pouco se sabe, mas onde é chamado a viver, acrescentando os fatos que esta forma de existir oferecem num rol de experiências individuais e coletivas fragmentado e elusivo:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que sabemos, tudo o que somos. (BERMAN, 2017, p. 15)

A partir desta assertiva, detemo-nos principalmente no que diz respeito às “ameaças”, as quais se referem às estruturas sólidas, ou seja, ao preconceito, aos formatos preestabelecidos pela sociedade, pelo machismo, pelos rótulos impostos pelo meio social no qual estamos inseridos, os formatos de relacionamentos antes duradouros, planejamentos longínquos de uma vida inteira, entre outras situações, que, se observarmos hoje, já não são permitidas, pois tudo é líquido, sem formas. Somos seres viventes de uma sociedade modernamente líquida, e não se sabe até quando as identidades continuarão com essa visão de liquidez, de construção e desconstrução instantânea, provisória.

Ao utilizarmos este pensamento, partimos para uma breve observância das personagens, com foco específico em Alice (personagem narradora) e Aretusa (cunhada de Alice), as quais seguem um papel social ora distinto, ora aproximado uma da outra, porém todas duas fazem parte dessa unidade “desunidade,” como nos diz Berman (2007). Mesmo com muitas aparentes divergências entre o comportamento de uma de outra, há um fato que as torna outrora semelhantes, com uma única diferença: uma se arrisca, se expõe ao atos libidinosos ainda na juventude, e a outra quando já está casada. Permanecendo em julgo igual, e com outro detalhe que vale ressalva: todos esses fatos que aconteceram permaneceram desnudados por entre os parentes mais próximos que estavam naquele final de semana, os quais não fizeram com que todo aquele acontecimento de desnudamento ficasse em família, conferindo aquele espaço o único sentimento que ainda restara: a “intimidade”, para que ali todos fossem cúmplices uns dos outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

CHALITA (2001) afirma que é na família que o indivíduo recebe os primeiros desafios que os faz crescer, adicionando a essas experiências contrastes de afeto e responsabilidade que irá proporcionar a aquele “ser” valores ‘éticos e morais’, os quais servirão como base indispensável para a vida em sociedade daquele indivíduo.

Deste modo, o afeto familiar pode refletir na vida de um indivíduo, da mesma maneira que a falta deste. Como acontece na obra de Lya Luft (1991), em que as personagens femininas sofrem com a falta deste sentimento, o afeto, por serem criados na ausência de uma figura maternal e viverem apenas na presença de um pai opressor e nada afetuoso; com a colaboração de Berta, empregada a quem foi confiada a “missão” de acompanhar aqueles jovens, porém, por não ter um *status quo*, um *ethos* convincente de “mãe” não conseguiu levar a essa família aquilo que ela mais sentia falta, que era de uma presença feminina, maternal, doce e afetuosa como se convencionou socialmente enquanto imagem de mãe/mulher.

Observou-se, ainda, na relação familiar, a desconstrução da visão estereotipada da felicidade da vivência da família, plasmada na imagem da família unida, sem atritos, na qual todos devem se relacionar da melhor maneira possível, com mansidão e equidade. Não apenas em razão do horror do passado e do presente da família original, a do Professor, tal imagem se desvanece em meio à atual liquidez dos limites em que os relacionamentos se processam na sociedade atual; os filhos do Professor já constituíram as suas próprias famílias e seu relacionamento com o pai e com tudo o que representa o passado familiar é, no mínimo, penoso, sem falar que a distância e o caráter temporário dos contatos – para Alice, pelo menos, forçados, como é o caso da própria reunião e do reencontro com o pai – operam uma cisão dos vínculos que se pretendem indestrutíveis.

Ainda falando em Alice, tal liquidez, resulta da convivência traumática com a ausência da mãe e com a presença do pai nos anos da infância e da adolescência: sentir-se desimportante, impotente, indefesa, inapta para decidir e presa de circunstâncias inescapáveis ainda constitui no presente um conjunto de traços que delineiam a face oculta de sua personalidade que não gostaria de revelar. Tal circunstância a faz, durante o fim de semana, sentir como se a sua casa, o seu marido e os seus filhos (cujos rostos e nomes chegou a esquecer em certos momentos), se diluíssem em sua lembrança, como um mundo distante e à parte de sua própria realidade, um mundo que poderia continuar sem ela ou no qual talvez nunca tivesse vivido realmente.

A esfera frágil nas relações humanas na família do Professor e nas famílias formadas por seus filhos reflete-se nas observações de Zygmunt Bauman (2011) sobre identidade, no que se refere à “descartabilidade das relações sociais e dos estilos de vida que são vendidos e consumidos vorazmente”, ao sabor das necessidades sempre prementes que os indivíduos manifestam, em situações variadas, de burlar a solidão e vencer a sensação do próprio desvalor em relação aos outros.

Dentro daquilo que fomos capazes de captar, na obra analisada, no que concerne à carência afetiva, à solidão e à insegurança, compreendemos que são fatores presentes na raiz e no resultado da desconstrução identitária, da liquidez desintegradora que se instaurou na sociedade e sob cuja injunção somos condicionados a viver atualmente.

**Palavras-chave:** Crise de identidade. Ethos. Narrativa

## REFERÊNCIAS

AUCHILIN, Antoine. Ethos et expérience du discours: quelques remarques. In: M. Wauthion; SIMON (éds.). Politesse et idéologie. Rencontres de pragmatique et de rhétorique conversationnelle. Louvain: Peeters, 2001, pp. 77-95.

BAUMAN, Zygmunt. 44 Cartas do mundo líquido moderno. Tradução Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade. Tradução Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHALITA, Gabriel. Educação: a solução está no afeto. 8 ed., São Paulo: Editora Gente, 2001.

DALLARI, Dalmo de Abreu & KORCZAK, Janust. O direito da criança ao respeito. 2 ed. São Paulo: Summus, 1986.

HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade?” In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2004.

LUFT, Lya. Reunião de Família. São Paulo. Siciliano. 1991.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. São Paulo. Contexto. 2008. MAINGUENEAU, Dominique. Discurso Literário. São Paulo. Contexto. 2006.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Ficção brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.